



Estudo do modo de produção do território da comunidade quilombola Cupira na beira do Rio São Francisco, sertão pernambucano.

*Studies about the production method of the Cupira quilombola community that
lives around São Francisco River in Pernambuco wastelands.*

BEZERRA, Alexandre Chaves. UFPE, xandino87@hotmail.com; GONÇALVES, Claudio
Ubiratan. UFPE, birarural@ig.com

Resumo

Este trabalho propõe analisar acerca do modo de produção e da organização espacial da comunidade quilombola de Cupira em Santa Maria da Boa Vista. Também é nossa preocupação discutir as novas formas de intervenção do Estado no território quilombola e como o mesmo impõe e direciona seus tentáculos através de políticas públicas. A metodologia da observação participante foi indispensável ao campo, com realização de entrevistas, incursões pela comunidade e vivência com os moradores, além do levantamento prévio de informações sobre a região que são fundamentais para compreensão dos problemas que atingem e ameaçam a organização interna da comunidade.

Palavras-chave: Santa Maria da Boa Vista; comunidade tradicional; agricultura irrigada; território.

Abstract

This work proposes to analyze about the production method and the spatial organization of Cupira quilombola community located in the City of Santa Maria da Boa Vista. It is also our concern to discuss the new forms of State intervention in the quilombola territory as well how it controls and enforces rules through public policies. The participant observation methodology was indispensable to the field, with interviews, incursions in the community and experiences lived with the residents, in addition to the collection of information about the region, previously made by the researchers, which is fundamental to understand the problems that affect and threat the internal organization of the community.

Keywords: Santa Maria da Boa Vista; traditional community; irrigated agriculture; territory.

Introdução

O estudo em questão traz os sujeitos remanescentes de quilombo e sua relação com a natureza – através do trabalho – num lugar de complexa convivência, no semiárido nordestino, aliviada somente pelo fato da comunidade se encontrar a beira do rio São Francisco outrora denominado pelos nativos de Opara (GONÇALVES 1997).



A comunidade de Cupira e os sujeitos estão localizados no município de Santa Maria da Boa Vista, submédio do rio São Francisco em pleno sertão pernambucano, onde reproduzem seu modo vida e existência em relativa harmonia e na relação direta com o rio. É, ainda, a possibilidade de plantio de diversas culturas e outras atividades secundárias como a pesca (a construção da barragem de Sobradinho diminuiu a quantidade de espécies de peixes no lugar) que garantiu e ainda garantem a permanência do grupo social no lugar desde tempos mais remotos.

Quanto às políticas públicas para a comunidade são elas as mínimas possíveis. Uma das entrevistadas destaca a omissão dos políticos locais, e o medo que eles possuem da comunidade adquirir autonomia na produção e comercialização de seus produtos impede uma série de benefícios reclamados pela população do lugar. Sendo assim, destacamos a nível federal, apenas o Programa Bolsa Família recebidos por cerca de cem famílias de um total de mais de duzentas e o Programa Nacional de Desenvolvimento da Agricultura Familiar – Pronaf – recebedor de críticas dos líderes locais devido ao seu modo de operação. No nível estadual é o Programa Chapéu de Palha o principal subsidiário de alguns agricultores pescadores.

Metodologia

A metodologia do estudo apresentado consistiu em um prévio levantamento bibliográfico sobre a área e os sujeitos pesquisados, no que diz respeito a empiria a observação participante foi o método utilizado para realização de entrevistas abertas e vivência com visitas as áreas de produções, banhos de rio, conversas com os jovens e crianças, pernoite na casa dos moradores e caminhadas a beira do rio. “A própria relação interpessoal e o próprio dado da subjetividade são partes de um método de trabalho, por isso que a gente vai falar em observação participante;” (Brandão 2007, p.12). A pesquisa, portanto, possui caráter qualitativo.

Resultados e discussões

A comunidade quilombola de Cupira, certificada pela Fundação Cultural Palmares desde 2008 e autodeclarada por seus habitantes como uma comunidade de afrodescendentes, está, observando-a da estrada principal da pequena vila, assentada em um pé de serra, nomeada pelos moradores de serra de Cupira, próximo ao rio São Francisco, a aproximadamente 400 metros da sua margem, assim como seus plantios que se encontram ainda mais próximos do rio e nas suas ilhas.



Seguindo o percurso das águas, sentido leste, e da estrada local será possível chegar a mais duas comunidades remanescente de quilombos, Inhanhum e Serrote, o território ocupado pelas três comunidades compõem um único conjunto, mas cada um de seus habitantes sabe exatamente onde começa e termina suas terras. Todos possuem algum grau de parentesco. Segundo uma das lideranças da Associação Quilombola dos Agricultores Familiares e Pescadores de Cupira não é possível determinar exatamente quando e nem como se iniciou a ocupação do lugar, porém ela estima, baseada em histórias e relatos orais e nos estudos antropológicos realizados, em cerca de duzentos anos a ocupação do local. Sobre a epopéia dos primeiros habitantes e sua organização sócio-espacial a liderança relata:

“As histórias que a gente escuta contadas das pessoas mais velhas da comunidade é que muitas pessoas vieram principalmente do lado da Bahia fugidas, muitos das fazendas e outros procurando mesmo um lugar pra se estabilizar, pra produzir e acharam aqui na beira do rio um local que era propício pra isso. Então foram se organizando aqui. Inicialmente era muito em casa de taipa, casas muito afastadas que era muito mato e as pessoas viviam basicamente da produção de alimento. Aqui produzia pra sua alimentação, as roupas, medicamentos eles mesmos produziam aqui.” (Fernanda, líder da associação, Stª Maria da Boa Vista, 2014).

Abordando a quantidade de escravos negros na região do submédio do rio São Francisco, Andrade coloca,

“Em 1840 havia escravos negros no sertão pernambucano distribuídos pelas comarcas de Santa Maria da Boa Vista – 2071 escravos em uma população total de 19.705 hab., e de Flores – 4.948 escravos em uma população total de 28.528 hab., correspondendo a 10,5% da população de Santa Maria da Boa Vista e a 17,3% da população de Flores. (...) Na Bahia, 35 anos após, quando o movimento emancipacionista já fizera diminuir de forma considerável a população escrava no Brasil, ainda havia escravos negros em Jeremoabo (372 escravos correspondendo a 3,2% da população), em Glória (113 escravos correspondendo a 1,9% da população) e em Juazeiro (1049 escravos ou 17,9% da população).” (ANDRADE 1964 p. 40).

Com estas informações a disposição poucas dúvidas restam sobre há quanto tempo estão ali produzindo e reproduzindo seu modo de vida. De toda forma vale salientar que “Por volta de 1800, toda a região do submédio estava completamente dominada pelos fazendeiros.” Sendo assim, “Não restava outra alternativa àquela massa de marginalizados [indígenas e afrodescendentes] a não ser a sujeição aos fazendeiros” (GONÇALVES 1997 p.72).

No primórdio a produção de alimentos dos habitantes do lugar estava ligada unicamente ao autoconsumo, produziam, segundo uma entrevistada, a roça pessoal com batata, feijão, milho, mandioca e outras culturas utilizando o método da agricultura de vazante até o barramento do rio com a construção da UHE-Sobradinho. Em sua dieta alimentar o pescado se fez e se faz muito presente, apesar do consumo de suas criações de animais de pequeno porte



como porcos, bodes, cabras, galos, galinhas e de grande porte como bois, vacas, cavalos, burros soltos apenas na época chuvosa. Ainda de acordo com a líder da associação:

“a cabeça do produtor ela tá mais assim: que é que eu vou plantar pra vender, as vezes eu tenho a batata e muitas famílias tem a batata, mas é tipo assim só pro meu consumo, não tem como antes que plantava em grande produção pra vender nas feiras e também pra trocar dentro da comunidade por aqui que não tem, hoje aqui o pessoal planta muita fruticultura, muito maracujá, goiaba, banana, manga e manga aqui a gente tem e diz que é praticamente nativa, você vai na roça tem muita mangueira que produz bastante...cebola...arroz, mas agora tá mais devagar... Agora mesmo assim não tem ninguém produzindo arroz, é feijão. E essas outras coisas que plantam assim, feijão, o pessoal planta pra vender e as outras é que são legumes, as hortas são mais pro consumo mesmo, geralmente são as mulheres que plantam isso. Sinceramente, é a fruticultura e cebola que o pessoal mais vende, mas isso muito na lógica do mercado né, o que o mercado tá dizendo nesse momento o governo tá investindo pra plantar isso, ou é isso que tá dando dinheiro então ele se organiza pra plantar, tem período que é tomate, tem muito tomate, mas ultimamente é a cebola que eles tão plantando.” (Fernanda, líder da associação, Stª Maria da Boa Vista, 2014).

No discurso de nossa entrevistada percebe-se claramente que a preocupação maior é com a comercialização da produção, essa atenção é óbvia e faz todo sentido visto que eles se tornaram refém do pacote tecnológico imposto pelo Estado através do Pronaf. Sobre o assunto a entrevistada relata:

“O governo liberava o financiamento, mas pra isso você tinha que comprar o agrotóxico pra fazer parte do padrão deles né? Pro produto ser maior, mas depois que começou a trabalhar muito com veneno aqui apareceu coisas que antigamente as pessoas não tinham, muitos números de câncer aumentou, aumentou assim, começou a surgir né? Pessoas com câncer na comunidade, o pessoal com doença de pele, a maioria dos homens tem muito dor de cabeça, essa questão do estresse, todos os efeitos que o agrotóxico causa.” (Fernanda, líder da associação, Stª Maria da Boa Vista, 2014).

Ademais da fruticultura irrigada produzida de acordo com o modelo imposto pelo Estado quase todas as casas possuem em seu quintal uma pequena horta e/ou plantas medicinais nativas da região ou não. Há também dois projetos PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável) para o cultivo de hortaliças em forma de mandala e convencional funcionando precariamente devido às dificuldades em conviver com as pragas e a distância da fonte de água.

O sistema de irrigação por gravidade adotada para o plantio das frutíferas na comunidade é simples: um motor bombeia a água do rio para um tanque através das tubulações e do tanque a água é distribuída nos sulcos abertos no terreno para a água escoar por gravidade passando ao lado das frutíferas. Esse sistema é bem conhecido na região, desde que a agricultura beira-rio voltada para o mercado começou a ganhar força no sertão do São Francisco.



Andrade, sobre o sistema de produção que estava se estruturando a base da irrigação na região, discorre: “Na beira-rio há uma dinâmica penetração do modo capitalista de produção em virtude do desenvolvimento de uma agricultura inteiramente voltada para a comercialização;” (ANDRADE 1984, p.82).

Dialogando com Altieri (1999), podemos afirmar que a comunidade está sofrendo significativas transformações, talvez a mais intensa seja o uso do pacote tecnológico para a produção familiar, se integrando assim a economia regional, nacional e global.

Permanecendo as margens dos grandes projetos de irrigação que assumiram grandes proporções a partir da década de 1986 com o Programa de Irrigação do Nordeste e de 1970 com o Plano Plurianual de Irrigação (ALMEIDA 2001). E ainda estando na área do RIDE Petrolina-Juazeiro (mas não sendo contemplados) foram incapazes de escapar das forças de sedução do mercado impulsionadas pelo planejamento do Estado capitalista brasileiro restando, para sobreviverem, somente a alternativa de se submeterem a dominação estatal.

Conclusão

Conclui-se que os agricultores/as, pescadores/as, criadores/as, artesãos/as, quilombolas estão atravessando um processo de transição em direção ao modo agroecológico de produção da vida e da esperança. Se por um lado percebemos que há relativa predominância do padrão tecnológico da revolução verde, também identificamos formas de resistências dos jovens camponeses frente a imposição do pacote tecnológico e dos direcionamentos dos programas do Estado. Dessa forma, no trato com a terra e no convívio com o rio e seus diversos manejos é possível perceber a intimidade com o ambiente e o trabalho na busca de autonomia na produção agrária e do território.

Referências bibliográficas:

ALTIERI, Miguel A. AGROECOLOGIA Bases científicas para una agricultura sustentable. Montevideo. Editora: Nordan comunidad, 1999. P. 338.

ALMEIDA, Silvio Gomes de. Crise socioambiental e conversão ecológica da agricultura brasileira: subsídios à formulação de diretrizes ambientais para o desenvolvimento agrícola. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2001. P.122.



ANDRADE, Manuel Correia de. *TRADIÇÃO E MUDANÇA*: A organização do espaço rural e urbano na área de irrigação do submédio São Francisco. Rio de Janeiro. Editora: ZAHAR, 1984. P.114.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *SOCIEDADE E CULTURA*, v.10, n.1, p.11-27, JAN/JUN. 2007.

GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. *OPARA*: Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco, Petrolina: Gráfica Franciscana, 1997. P. 249.